CONHECIMENTO PRÁTICO

LÍNGUA PORTUGUESA

MAURICIO DE SOUSA
DISSEMINAÇÃO DA LEITURA E LETRAMENTO POR MEIO DE HQS COM IDENTIDADE NACIONAL

EDITORA escala

NÚMERO 67 - PREÇO R$ 5,90

O ESTUDO DE FATOS LINGUÍSTICOS NA EXPLORAÇÃO DE TEXTOS

JORNADAS INTERNACIONAIS DE HQS NA USP CONGRESSO ACADÊMICO REÚNE PESQUISADORES DA 9ª ARTE

PELO PRAZER DA LEITURA REFLEXÕES ACERCA DA FRUIÇÃO DO ATO DE LER

EDUCAÇÃO INFANTIL A VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS EM FAVORECIMENTO DA PLURALIDADE SOCIAL

PROJETO '100 SONHOS DO MEU BAIRRO' PARA DESENVOLVER COMPETÊNCIAS LEITORAS E SENSO CRÍTICO

BIBLIOTECAS ESCOLARES ALIADAS ÀS REDES SOCIAIS

METAPLASMOS ALTERAÇÕES FONÉTICAS QUE MODIFICAM AS PALAVRAS

>>por **Valéria Aparecida Bari***

Divulgação

MAURICIO DE SOUZA
CRIADOR DE LEITORES

As histórias em quadrinhos [HQs] se estabelecem internacionalmente como mídia e linguagem formadora de leitores, de comprovada influência na proficiência em leitura e escrita, tanto em língua natal quanto em práticas de formação na segunda língua. Diversos experimentos têm ocorrido no Brasil, corroborando observações antropológicas em ambiente sociais nos últimos vinte anos, no Brasil e em outros países do mundo, valorizando cada vez mais a leitura das HQs como componente do letramento.

» por **Valéria Aparecida Bari***

A formação de leitores se estabelece na interdependência de ambientes sociais e interlocução com pessoas letradas, em diferentes níveis. A participação social e a intencionalidade das relações estabelecidas geram as práticas de mediação, que disseminam as práticas leitoras. Ocorre que a ausência das referidas condições prejudica a mediação, mesmo em ambientes sociais especialmente dedicados à educação, como os estabelecimentos escolares.

No Brasil, a ausência de acervos voltados para a leitura, como prática de lazer e entretenimento, faz com que os procedimentos da educação formal não se reflitam em práticas letradas no cotidiano. Ou seja: o cidadão alfabetizado desde a infância não estabelece o sentido da leitura em sua vida, e o Brasil segue como um território de enfrentamento do analfabetismo funcional.

Na contramão dessa tendência, as novas tecnologias estabelecem novos vínculos com a prática da escrita e da leitura, ainda que de forma simplória. Redes sociais consomem frases irônicas, que são apropriadas e redistribu-

SAIBA MAIS

VOCABULÁRIO

Mainstream é um termo em língua inglesa praticado para conceituar os aspectos mais populares e massivos da indústria cultural. Underground é um termo em língua inglesa que conceitua os bens culturais produzidos fora da lógica da indústria cultural, característicos da produção autoral e da contracultura.

>>por **Valéria Aparecida Bari***

REVISTAS E OUTROS MATERIAIS GRÁFICOS TÊM UMA PERMEABILIDADE VISÍVEL EM TODOS OS AMBIENTES SOCIAIS, COM ADESÃO LEITORA PARA AMBOS OS SEXOS E, SURPREENDENTEMENTE, TODAS AS FAIXAS ETÁRIAS.

Divulgação

TURMA DA MÔNICA EM "OS AZUIS"

Os Azuis foi originalmente uma história em quadrinhos, que narra uma aventura fantasiosa na vida de Mônica, quando todos seus amigos estão azuis. Com a temática da segregação racial, logrou êxito em discutir esse difícil tema, mesmo sob as restrições de conteúdo da Ditadura Militar à época. A animação de mesmo título adapta o conteúdo da narrativa original e pode ser vista por meio do link: <https://youtu.be/QX82IsTJTGI>.

ídas pelos seus participantes, sem que se saiba de sua origem ou da natureza do discurso do qual as mesmas são destacadas. Então, temos um ambiente de mediação cuja interatividade é grande, mas a participação ativa é relativamente pequena.

Mas, temos uma tradição leitora perfeitamente consolidada no Brasil, que contorna todos esses problemas sociais e tem se estruturado como uma prática idealmente disseminada entre os brasileiros: a leitura das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica. Revistas e outros materiais gráficos têm uma permeabilidade visível em todos os ambientes sociais, com adesão leitora para ambos os sexos e, surpreendentemente, todas as faixas etárias. Não se verifica a resistência cultural relevante de nenhum segmento social, assim como existe a normalização em relação à experiência da leitura fora da faixa etária dimensionada para o público-alvo pelo seu criador, Mauricio de Sousa.

Os efeitos da presença das revistas da Turma da Mônica são perfeitamente visíveis, na leitura compartilhada entre pares, apresentação de leitura, mediação informal, formal e não formal. Explicando melhor: as crianças querem ler os quadrinhos da Mônica, e os adultos também, princípio válido para ambos os sexos nas faixas etárias. Basta que uma revista esteja esquecida ou disponibilizada no ambiente, para que alguém a tome nas mãos em poucos minutos, vencendo qualquer inibição. Essa experiência pode ser reproduzida por qualquer pessoa, em qualquer ambiente social, em caso de dúvida.

Essa atratividade e potencialidade de compartilhamento de práticas leitoras não é fruto do acaso. Na verdade, a Turma da Mônica é o resultado da sistematização de conhecimentos que vem da tradição de família, da formação leitora e das estratégias mercadológicas que fazem desse produto, na atualidade, da publicação infantojuvenil *mainstream* com representatividade mundial. Acima de tudo, a Turma da Mônica não é apenas um produto editorial para o consumo de leitores, mas é um bem cultural criador de leitores, devido à manutenção dessas propriedades por Mauricio de Souza e sua equipe, de modo profissional e extremamente especializado.

AS ORIGENS DA TURMA DA MÔNICA

Muitas das propriedades do título Turma da Mônica e seus desdobramentos se originam na forma como Mauricio de Souza se relacionou com a criação de seus personagens e universo, considerando os aspectos profissionais e as possibilidades comerciais. Mas, tudo se iniciou realmente por meio do talento nato, fomentado em uma família letrada e que já tinha dedicação à arte e cultura. Uma vez verificado que realmente o jovem Mauricio iria se dedicar ao ramo das narrativas sequenciais gráficas, seus pais cuidaram também de sua educação econômico-financeira, explicando como a venda desses produtos autorais poderiam configurar um modelo de negócio. Essa educação doméstica trouxe a reflexão que fez de Sousa um quadrinhista distinto entre a maioria de seus pares, e foi essencial à prática atual de seus estúdios de criação.

A criação de histórias em quadrinhos é sempre constituída por repertórios preestabelecidos, de modo que as características de personagens, ambientes e traços seguem uma lógica própria. Como gênero, a história em quadrinhos se configura e se alimenta mediante influências, não plágios. Quando reconhecemos o que uma obra tem em comum com as predecessoras, quer dizer que o quadrinhista pretendeu ingressar naquele segmento de leitores, e a autoria de determinadas personagens e maneirismos se dilui e se realimenta. Como sua primeira influência, identificamos a obra de Felton Oultcault, considerado por muitos especialistas como o primeiro autor das histórias em quadrinhos. No Brasil, seus personagens Buster Brown e Tige foram renomeados Chiquinho e Jagunço, uma dupla de meninos publicada nas páginas de O Tico-Tico com regularidade. A força internacional desses personagens vai disseminar uma forma de enredo que integra com prioridade uma das mais importantes modalidades de produção *mainstream*, pela qual se estabelecerá a estreia de Mauricio de Souza no mercado editorial.

Para ingressar profissionalmente no mundo dos quadrinhos, Mauricio de Souza precisou se adequar ao formato comercial mais praticado no Brasil: o das tiras. Também, teve de escolher entre uma das "famílias" de tiras de maior aceitação no mercado brasileiro, que seria a "menino e cachorro" (boy-dog), pois esteva competindo por espaço de publicação com quadrinhistas do mundo todo.

Nos anos 1950, os sindicatos de distribuição de tiras, como o King Features Syndicate, também tinham claras exigências quanto à originalidade, arte-finalização, formato e conteúdo. Então, nesse momento, Mauricio de Souza opta pela Linha

MAURICIO DE SOUSA NA REDE DO SABER

Entrevista na qual Mauricio de Souza descreve o processo da formação de leitores ecléticos por meio da "porta de entrada" que representa a história em quadrinhos, se colocando como observador e também como observado, numa perspectiva autobiográfica. O documento pode ser baixado por meio do link: <www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/84/docs/entrevista_mauricio_sousa.pdf>.

MAURICIO DE SOUSA: CRIADOR DE LEITORES

>>por **Valéria Aparecida Bari***

Divulgação

SUGESTÃO DE LEITURA I

Após uma longa carreira como quadrinhista, Mauricio de Sousa narra sua vida e carreira em biografia própria. Saiba mais sobre a Turma da Mônica e seu criador, Mauricio de Souza, lendo:

• SOUSA, Mauricio de. Mauricio: a história que não está no Gibi. São Paulo: Sextante, 2017. 336p.

Clara como estilo que levará para sua obra ao longo da vida, mas o seu traço ainda preserva características autorais. Cria o primeiro conjunto de menino e cachorro, batizados como Franjinha e Bidu, e consegue comercializar sua primeira série de tiras em 1959.

A partir de 1960, consegue ascender ao outro formato *mainstream* de produção de histórias em quadrinhos: a revista. A publicação da Zaz Traz pela editora Outubro permite a experimentação de Souza com diversos personagens, com os quais vai ressignificando uma série de influências da produção de quadrinhos *mainstream* nacional e internacional, ao mesmo tempo que relaciona um componente autobiográfico com o dimensionamento dos personagens e elaboração de enredos. Porém, uma característica inicial fugira da percepção de Mauricio de Souza e fazia com que seus quadrinhos, embora exitosos, se mantivessem em pé de igualdade com os demais: o predominante protagonismo masculino.

Mas, o mercado editorial dos quadrinhos *mainstream* já apresentava enredos de sucesso com protagonismo feminino, como a Little Lulu de Marjorie Henderson Buel, no Brasil batizada de Luluzinha, publicada internacionalmente desde os anos 1930. Isso pode ter chamado a atenção de vários quadrinhistas, mas existe a necessidade da criação original sobreposta ao modelo, característica da linguagem dos quadrinhos. Essa visão só foi possível a Mauricio de Souza por meio da experiência da paternidade, quando consegue criar a personagem Mônica, em 1963. Porém, a princípio, Mônica guardava muitas características de Luluzinha, e sua interação com outros personagens de Mauricio de Sousa refletia claramente o conflito de gêneros de modo mais exacerbado. Acreditamos que a suavização desse conflito e também a essencial infantilização de Mônica se dá pela influência de um quadrinhista que guarda muita semelhança com Sousa, os Peanuts de Charles M. Schulz, que no Brasil chamamos de Turma do Amendoim. Um pouco mais velho, Schulz inicia a publicação dos Peanuts em 1950, tendo por protagonista Charlie Brown, um personagem autobiográfico, e sua turma.

À medida que Mauricio de Souza inicia a aproximação entre seus personagens e a lógica de organização de grupo do universo de Peanuts, isso permite que os seus enredos realmente brilhem no quesito de originalidade, qualidade, comicidade, e passem a ser atraentes a diversas faixas etárias. Como outra das características da criação das histórias em quadrinhos, a apropriação do público também influencia nos enredos e na centralidade das personagens. Dessa forma, se o personagem Charlie Brown se preserva como centro das atenções da obra de Schulz, assim como o cão Snoopy, configurando a origem de sua criação nas tiras "menino e cão", a obra de Sousa segue por um caminho diverso.

A personagem Mônica vai adquirindo autonomia e protagonismo, ao ponto de realinhar todos os demais personagens criados até então por Sousa, e ingressar como personagem central da produção a partir dos anos 1970, com a publicação do título Mônica e Sua Turma, pela editora Abril, a partir de 1970. Isso demonstra que os quadrinhos criados por Sousa são caracterizáveis como bem cultural que, partindo de um modelo da indústria com objetivos mercadológicos, pode gerar uma obra original e com características culturais legitimamente brasileiras.

Outro dos grandes focos de influência foi a produção de Osamu Tesuka, autor japonês mundialmente consagrado pela modernização dos Mangás e criação dos Animês. Muito embora Tesuka tenha sido um mentor para Mauricio de Sousa, nem todas as sugestões de produtos culturais viáveis no Japão foram à frente no Brasil dos anos 1970 e décadas subsequentes. O ambiente socioeconômico e empresarial não permitiu que Mauricio de Sousa produzisse desenhos animados seriados com êxito, o que o fez se concentrar ainda mais nas qualificações de sua produção editorial de histórias em quadrinhos.

OS QUADRINHOS CRIADOS POR SOUSA SÃO CARACTERIZÁVEIS COMO BEM CULTURAL QUE, PARTINDO DE UM MODELO DA INDÚSTRIA COM OBJETIVOS MERCADOLÓGICOS, PODE GERAR UMA OBRA ORIGINAL E COM CARACTERÍSTICAS CULTURAIS LEGITIMAMENTE BRASILEIRAS.

Além de ampliar e profissionalizar a equipe de seus estúdios, aceitou que seus personagens fossem esquematizados e a produção das histórias em quadrinhos fosse setorizada e compartilhada entre uma ampla equipe de profissionais. Contudo, criou instrumentos de controle de qualidade e conteúdo, por meio de uma política editorial controladora, a qual preside. Além disso, dedica-se ao contínuo contato com o público consumidor, e também verifica de perto a evolução das políticas públicas e legislação, para que possa abrir com segurança novos caminhos de implementação de seu modelo de negócio.

A TURMA DA MÔNICA E A CULTURA LEITORA BRASILEIRA

Uma vez estruturado o universo que se caracteriza como carro-chefe da produção de Mauricio de Sousa, outros cuidados fariam com que a sua produção adquirisse a confiabilidade e também caísse no gosto popular, superando inclusive a grande onda de preconceitos e equívocos institucionalizados na educação e políticas públicas em relação às histórias em quadrinhos, propugnadas pela influência da indústria cultural dos Estados Unidos no período da Guerra Fria.

SUGESTÃO DE LEITURA II

Durante a sua atuação como Docente e Pesquisador, o autor sistematiza a visão sobre a produção de histórias em quadrinhos no Brasil. Saiba mais sobre as histórias em quadrinhos no Brasil, lendo:

• VERGUEIRO, Waldomiro. Panorama das Histórias em Quadrinhos no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2017.

>>por **Valéria Aparecida Bari***

A PRODUÇÃO DE MAURICIO DE SOUSA SUPEROU INCLUSIVE A GRANDE ONDA DE PRECONCEITOS E EQUÍVOCOS INSTITUCIONALIZADOS NA EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS EM RELAÇÃO ÀS HQS.

SUGESTÃO DE LEITURA III

A educação da atualidade merece muito mais atenção com a didática e as estratégias de aproximação entre o alunado e os temas de interesse. Saiba mais sobre procedimentos didáticos utilizando as histórias em quadrinhos lendo:

• MODENESI, Thiago Vasconcelos; BRAGA, Amaro Xavier. Quadrinhos e Educação: Procedimentos Didáticos. v.2. Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2015.

O que se constitui como típico na produção *mainstream* de histórias em quadrinhos é que os criadores acabem por perder o controle de suas criações, em nome de expectativas editoriais e regras de mercado. Isso jamais aconteceu com qualquer das criações de Mauricio de Sousa, devido aos cuidados que tomou, tornando-se um empreendedor e, posteriormente, um empresário de sucesso. A Turma da Mônica evoluiu em conceito de marca, também oferecendo uma diversidade de bens de consumo com base no carisma de suas personagens e na identidade dos mesmos com grande parte da população.

Além de brinquedos, estampas e produtos de cosmética, Mauricio logrou êxito em seguir os passos de Elzie Crisler Segar, que transformou seu querido personagem Popeye em um agente publicitário do consumo de espinafre nos anos 1930. O personagem Jotalhão passa a integrar a venda de extrato de tomate a partir de 1979, sendo mantida sua exclusividade pela empresa Unilever. Porém, mais uma vez, Sousa vai mais longe. Em 1995, o próprio Mauricio de Sousa passa a ser criador de produtos alimentícios, com uma concepção totalmente inédita. Mônica consegue repetir a fórmula de sucesso, publicizando a venda da Maçã da Mônica, que reenquadrou os frutos pequenos e irregulares às necessidades nutricionais das crianças, por ideia do próprio Mauricio de Sousa.

Divulgação

Nesse ponto, verificando que a diversificação dos negócios não alterou significativamente o enredo, nem as características identitárias da Turma da Mônica, mas as aplicou ao ambiente social, vamos nos concentrar no que seriam os mais benéficos e profícuos efeitos para a sociedade de um trabalho tão bem cuidado. Inicialmente, verificamos que a liberdade de criação nas histórias em quadrinhos é relativa, e que as necessidades de sobrevivência do quadrinhista é motivadora de muitas das opções que fará ao longo da vida.

Mauricio de Sousa soube equilibrar o desejo, a necessidade e a vontade, sem perder a sua identidade brasileira e todas as experiências da infância, juventude e maturidade, que se refletem na rica configuração de seus personagens. O leitor brasileiro se vê espelhado nas vivências de leitura da Turma da Mônica e seus desdobramentos, mesmo sob uma pesada alteração estética, que se dá no caso da Turma da Mônica Jovem, lançada em 2008, assim como na Coleção Graphic Novel da Turma da Mônica. Essas duas últimas publicações enriqueceram o traço, partindo da estética da Linha Clara para o Mangá, ou mesmo a estética autoral (*underground*).

Divulgação

A inclusão de personagens com necessidades especiais, como deficiência mental, física, ou visual, parte da visão editorial que acompanha o advento da inclusão social. Mas, Mauricio de Sousa antecipou a principal bandeira levantada pela questão da igualdade, ao publicar a história em quadrinhos denominada Os Azuis, como integrante do título Turma da Mônica, ainda na editora Abril, na década de 1980. Hoje, a vibrante narrativa não possui republicação ou acesso digital, mas encontra-se acessível a sua animação. Temos, nessa unidade de leitura, uma discussão das mais impactantes sobre a questão do racismo e segregacionismo, em plena ditadura militar, veiculada em uma publicação infantil *mainstream*. Então, temos como aceitável a estratégia editorial desenvolvida, já que existe a manifestação pregressa de Sousa a respeito de valores que se compreendem como formadores da identidade do povo brasileiro.

A presença nos espaços sociais também é uma especialidade da linha editorial de Sousa. A Turma da Mônica encontra espaço nas mais luxuosas e, no Brasil raras, livrarias, assim como na gôndola de quase toda rede de supermercados. Não tem vergonha de ser popular, nem inibição de invadir os campos mais eruditos, adaptando inclusive a leitura de grandes clássicos da literatura, a estética pictórica de grandes obras da pintura, e assim ampliando o repertório de contatos culturais de seus leitores. As publicações especiais também recriam a figura dos

>>por **Valéria Aparecida Bari***

Divulgação

O LEITOR BRASILEIRO SE VÊ ESPELHADO NAS VIVÊNCIAS DE LEITURA DA TURMA DA MÔNICA E SEUS DESDOBRAMENTOS, MESMO SOB UMA PESADA ALTERAÇÃO ESTÉTICA, QUE SE DÁ NO CASO DA TURMA DA MÔNICA JOVEM, LANÇADA EM 2008, ASSIM COMO NA COLEÇÃO GRAPHIC NOVEL DA TURMA DA MÔNICA.

Almanaques, que são publicações tradicionais brasileiras e que foram difusoras da cultura escrita desde o séc. XVIII em nosso território. O entretenimento familiar se constitui como mais um dos atrativos que garante a mediação de leitura, mesmo longe do ambiente formal das escolas e bibliotecas. Assim, segundo dados divulgados pelo próprio Mauricio de Souza, suas produções contam com cerca de 10 milhões de leitores permanentes no Brasil, descontando desse indicador um sem-número de leitores esporádicos.

Em especial, a linguagem e a mídia dos quadrinhos da Turma da Mônica se revelam como potentes formadores de leitores, para além de propriedades leitoras em análise, pois trabalham com o imaginário e com a identidade do leitor brasileiro. Quem lê os quadrinhos da Turma da Mônica, se sente "lido". Quem identifica tramas, enredos, personagens, se sente "identificado". Quem busca, se sente "atraído". O segredo, que sabemos estar bem guardado por todos os leitores, é a propriedade de narrar, contar histórias, que é tão antiga, essencial e mágica na sociedade humana. Contar histórias onde todos nós nos encontramos enlaçados, numa mesma sincera e única narrativa.

Então, esta matéria não foi escrita para que possamos discutir sobre o comprar, o vender, o disponibilizar, mas para compreender como nos identificamos enquanto leitores e, a partir daí, estabelecer as estratégias sociais que levem à disseminação da leitura, do letramento e de todo o crescimento intelectual e social que virá como efeito desejável. Assim como, revelar que Mauricio de Sousa é mais do que quadrinhista, criador de leitores, no ambiente adverso à leitura desse nosso Brasil.

Divulgação

SUGESTÃO DE LEITURA IV

Estudos verificam que as histórias em quadrinhos podem realmente ser relevantes na formação do leitor, possibilitando a familiarização, repetição, formação de hábitos e obtenção de prazer no ato de ler. Saiba mais sobre a relação entre as Histórias em Quadrinhos e a formação de leitores, lendo:

• BARI, Valéria Aparecida. O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas brasileiro e europeu. 2008. 249 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/>.

*Valéria Aparecida Bari é Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Atuou 25 anos como Bibliotecária, antes de dedicar-se integralmente à docência e pesquisa universitária. Ministra disciplinas com temática especializada em Histórias em Quadrinhos, em nível de graduação e mestrado, na Universidade Federal de Sergipe. É líder do PLENA: Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa. Integra o OHQ: Observatório das Histórias em Quadrinhos e a ASPAS: Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial.